

Metodologias de intervenção:

Algumas estratégias de intervenção

Na intervenção directa com as crianças tenta-se reflectir o clima institucional da Casa da Praia. A dinâmica do funcionamento em Equipa, que passa pela cooperação e pelo respeito do ser e do saber de cada um, é a mesma que tentamos imprimir no trabalho quotidiano com os grupos de crianças, procurando-se, assim, uma convivência harmoniosa, no respeito pela individualidade de cada um.

Como já referimos, João dos Santos dá particular importância, no acto educativo, à **relação/comunicação** que permita a troca de sentimentos, emoções e conhecimentos, através das várias formas de linguagem (corporal, verbal, gráfica, plástica).

Actualmente, com o acesso generalizado à escolaridade, a escola defronta-se com o problema do insucesso educativo de largas camadas da população escolar, sobretudo das crianças oriundas de meios mais desfavorecidos, onde a linguagem escrita é menos presente e a comunicação é, por vezes, muito directa e pouco elaborada.

Sabemos que o domínio da leitura representa uma competência de inegável peso na vida escolar e social da criança. A privação de tal competência é geradora de desvantagens e dependências.

João dos Santos lembra que o registo escrito que se aprende na escola não faz sentido e não é acessível a quem não registe, previamente, de outras formas, a sua experiência e que viveu num ambiente em que o diálogo não é possível, por insuficiência sócio-cultural ou por perturbação mental e emocional dos componentes da família.

A **escrita** - forma de linguagem privilegiada na escola - surge como necessidade do que se quer dizer no tempo e no espaço. Escrever é registar um projecto, uma ideia, é pensar. “Constitui uma reserva do conhecimento” (J. S.).

Assim, é, essencialmente, a **busca do “sentido do aprender”**, através da estimulação e da ligação dos saberes, das vivências e das experiências de cada criança, do conhecimento de si próprio e das suas capacidades (quem sou, onde estou, do que sou capaz...), aliada à

aprendizagem do viver em conjunto, que procuramos desenvolver na Casa da Praia.

Tenta-se criar um **clima relacional de segurança** que permita à criança uma estabilidade emocional que propicie o prazer e o desejo do conhecimento, onde se ligue o simbolismo, a realidade e o afecto (Teresa Ferreira), num “clima de liberdade para pensar” (Lipman).

Damos grande importância às **actividades de livre expressão oral**, como forma de fazer emergir os sentimentos, as experiências, os saberes, e motivações das crianças, ligando-os a **outras formas de expressão** (desenhada, dramatizada, gravada ou escrita).

Nos casos em que a expressão oral é mais inibida ou limitada, promove-se o jogo do inverso: parte-se das suas produções gráficas ou plásticas, valorizando-as pela “palavra”, dita e escrita, e dá-se-lhes sentido, facilitando a sua “leitura” e ajudando a construir, organizar e desenvolver a imaginação.

Ao conferir importância à oralidade e ao valorizar o discurso particular de cada criança, pode mostrar-se-lhes como se fala e se regista aquilo que sabem e dizem. Os textos “ditos” são transformados em textos “escritos”, muitas vezes por empréstimo da mão da professora.

João dos Santos afirmava que “não se pode escrever com a caneta e com a mão, mas com ideias e com imaginação”. Assim, o **Texto Livre** é um meio muito presente no trabalho que desenvolvemos.

Inicialmente reflexo de simples relatos ou descrição elementar de situações valorizados através do seu registo, transformando os textos “ditos” em “escritos”, a criança apercebe-se que aquele registo tem um significado. Progressivamente, os textos vão-se tornando mais complexos e criativos, à medida que vão sendo “partilhados” e discutidos.

A **leitura de histórias** é, também, uma actividade que valorizamos. Os contos tradicionais, por exemplo, são um bom manancial e “têm tudo o que é preciso para estimular o sonho, a fantasia e o saber da criança” (J.S.) já que, mais que desenvolver a imaginação, por vezes, é necessário ajudar a construí-la.

A essência de uma boa história reside, geralmente, nalguma forma de conflito, problema ou série de problemas que podem constituir uma boa base de exploração de temáticas relacionadas com as emoções e a moral mais básicas (amor/ódio; bem/mal; vida/morte...) (K. Eagan). Proporcionam, igualmente, vivências e espaços de diálogo, reflexão e

discussão, confrontando diversos pontos de vista e ajudando a relativizar e a respeitar as diferentes opiniões.

A **imaginação de histórias** pelas crianças surge de uma forma natural, muitas vezes apoiada noutras formas de expressão, nomeadamente, a gráfica, a plástica e a corporal..

As histórias imaginadas permitem a projecção dos seus conflitos, medos e fantasias.

Do ponto de vista terapêutico, João dos Santos (1988) realçava a importância de facilitar às crianças com bloqueios do imaginário, o recurso à fantasia criativa, através de histórias, desenhos ou leituras que pudessem facilitar os aspectos imaginários do simbolismo da criação artística ou da simbolização da linguagem escrita.

Os textos e histórias das crianças são, posteriormente, compilados em livros individuais ou colectivos, constituindo material de leitura, rico de significado construído e espelho evolutivo de cada criança.

A utilização da **Imprensa** e do **Computador** ao serviço da “livre expressão da criança” (Freinet), para além de valorizar e formalizar as suas produções escritas, contribui, entre outras, para o desenvolvimento da cooperação, organização e autonomia, e de diversas habilidades específicas da leitura e da escrita.

A função da linguagem escrita como meio de comunicação à distância, suporte do conhecimento e do pensamento, aparece, de forma bem patente, no **Jornal Escolar**. Constituído por textos livres, histórias, relatos de experiências, estudos ou acontecimentos, resulta de um trabalho e empenho colectivos.

Ao saber que o Jornal vai ser lido e apreciado por outros, a livre expressão da criança adquire uma “existência social” (Oury e Vasquez, 1968). O orgulho sentido pela criança ao mostrar o Jornal à família, vizinho ou amigo, sabendo que nele há algo de significativo para ela, é factor de reforço da sua autoestima e estímulo ao desenvolvimento da sua competência e consciência linguísticas.

Para além de permitir a divulgação dos seus textos escritos, o Jornal Escolar é também investido pelas crianças no que respeita à decoração e arranjo gráfico.

Sabemos que a interiorização, pelas crianças, das noções de **tempo e espaço** se vai adquirindo e estruturando a partir das referências da sua

própria vida e da sucessão dos acontecimentos significativos e da sua relação com os objectos do meio envolvente.

As crianças que apoiamos são, muitas vezes, crianças “perdidas” no espaço e no tempo, pelo que assume especial significado a construção de “**marcos de referência**” através de uma série de actividades promotoras da estruturação espaço-temporal, tais como as festas, os aniversários, os ciclos da Natureza e a localização de espaços a que afectivamente estão ligadas.

A construção da “história” da criança surge, em muitos casos, como necessidade de uma procura de identidade e de “reconstrução” de uma ideia de história de vida organizada e, em muitos casos, possível de suportar. A carga emocional, subjacente a vivências, por vezes, traumáticas, é, de certa forma, aliviada ao permitir-se a sua abordagem numa relação e num espaço contentor e securizante. A criança, mais tranquila e organizada, pode, então, mais facilmente, aderir a saberes que a escola exige.

Tratando-se, geralmente, de crianças com dificuldades na **socialização**, as actividades desenvolvidas em **vivências colectivas** centradas em **ideias**, projectos ou acontecimentos de particular conteúdo afectivo, como, por exemplo, festas, jogos, dramatizações, estudos, visitas, conferências, exposições, acampamentos, facilitam a interiorização do sentido da cooperação, da responsabilização e da autonomia.

Existe um espaço privilegiado de encontro entre as crianças e os adultos da Casa da Praia - a **Reunião da Assembleia Geral** que se realiza semanalmente, com hora e dia marcados, à volta da leitura e da discussão do **Jornal de Parede**. É orientada por alunos eleitos (um Presidente, um Secretário e um Tesoureiro) e por um professor (um Vogal, também eleito).

As funções que a cada um cabem, são alvo de esclarecimento prévio e obedecem a determinados requisitos. É preciso saber ler, para ler o Jornal, escrever, para registar o mais importante, calcular, para prestar contas de receitas ou despesas realizadas. Ao Vogal cabe o papel de “par”, suporte técnico e afectivo, para que tudo corra da melhor forma.

A leitura do **Jornal de Parede** onde crianças e adultos da instituição escrevem livremente em colunas classificadas (Notícias / Vamos Fazer / Fizemos Bem / Fizemos Mal) é o móbil de uma forte interacção comunicativa. As crianças que ainda não lêem ou escrevem são estimuladas a recorrer ao apoio de um colega ou professor.

Progressivamente, vão-se apercebendo da função da escrita como forma de expressão de sentimentos, emoções, ideias, conhecimentos, interesses e desejos.

É a partir da leitura do **Jornal de Parede** que nascem os projectos individuais ou colectivos, que se mostram ou anunciam as pequenas conquistas de cada um, que se discutem e resolvem os problemas, as tensões, os conflitos ou mal-entendidos.

É um momento com uma carga emocional muito forte para as crianças.

Aprende-se o “jogo” do falar/ouvir, isto é, fazer-se entender e aprender a escutar, respeitando os outros. A possibilidade da mediação dos conflitos pela palavra leva à resolução dos problemas pelo pensar e não pelo agir.

O registo em acta dos assuntos considerados essenciais constitui mais uma forma de dar significado à escrita que, entre outras, é, também, suporte de memória, instrumento de transmissão à posteridade, de ideias, conhecimentos e cultura.

A **Reunião Geral** constitui, pois, o pilar organizativo da vida em grupo, espaço de diálogo, reflexão e discussão colectivas, com enorme valor afectivo e comunicativo, onde se descobre a necessidade da “regra” como elemento facilitador das relações interpessoais.